Literatura e ciência cognitiva: convergências, lacunas e novos caminhos

Beatriz Levanteze de Burgos*
João Pedro Missi Pereira**
Thaís Scarparo Chiquinatto***
Thalyta Cristina Weber Marcelino****
Victória do Monte Rodrigues*****
Márcia Abreu******

Resumo

Este artigo apresenta e discute estudos sobre leitura literária e cognição, reunindo evidências sobre os efeitos fisiológicos, emocionais e sociocognitivos da leitura de ficção e refletindo sobre suas implicações para os Estudos Literários. Embora pesquisas recentes das áreas de neurociência e psicologia tenham demonstrado que a leitura pode ativar regiões cerebrais específicas, modular hormônios associados ao bem-estar e favorecer habilidades como a empatia e a Teoria da Mente, muitos desses trabalhos desconsideram aspectos fundamentais da literatura enquanto objeto estético e cultural. A revisão revela algumas dessas limitações metodológicas, como o uso de trechos descontextualizados, a negligência quanto

* Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem. Bolsista Fapesp – IC (2024/05123-8) e Capes – Mestrado (88887.289896/2026-00). Orcid: https://orcid.org/0009-0008-3835-154X.

** Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre pelo PPGTHL do IEL. Bolsista Capes – Mestrado (88887.950626/2024-00). Orcid: https://orcid.org/0009-0003-8152-7241.

*** Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Graduada em Estudos Literários pelo IEL. Orcid: https://orcid.org/0009-0005-5627-4953.

**** Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Doutoranda no PPGTHL do IEL. Bolsista Capes (88887.289918/2026-00) e Fapesp (2026/00457-0). Orcid: https://orcid.org/0009-0007-6975-4950.

***** Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre pelo PPGTHL do IEL. Bolsista Fapesp – Mestrado (2023/03032-2). Orcid: https://orcid.org/0009-0007-4223-9211.

****** Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora Titular do Departamento de Teoria e História Literária. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8306-9446. Auxílio à Pesquisa Regular (APR) Fapesp (2022/05782-6) e Bolsa de Produtividade em Pesquisa CNPq (301698/2022-8).

à materialidade do texto e à heterogeneidade dos leitores, além da adoção de categorias problemáticas como “ficção literária” e “ficção popular”. Defende-se que esses estudos seriam enriquecidos com a colaboração de especialistas em literatura, capazes de contribuir com análises sobre estrutura narrativa, complexidade linguística e recepção textual. Destaca-se, ainda, a importância de considerar leitores concretos em contextos diversos, a fim de compreender a leitura como prática historicamente situada. Por fim, são propostos caminhos para pesquisas interdisciplinares mais robustas, sensíveis às especificidades do texto literário e à complexidade da experiência leitora.

Palavras-chave: literatura; cognição; neurociência; teoria literária; história cultural.

Literature and Cognitive Science: Convergences, Gaps, and New Directions

Abstract

This article presents and discusses studies on literary reading and cognition, gathering evidence on the physiological, emotional, and sociocognitive effects of reading fiction and reflecting on their implications for Literary Studies. Although recent research in neuroscience and psychology has shown that reading can activate specific brain regions, modulate hormones related to well-being, and foster skills such as empathy and Theory of Mind, many of these studies overlook fundamental aspects of literature as an aesthetic and cultural object. The review highlights some of these methodological limitations, including the use of decontextualized excerpts, the neglect of textual materiality and reader heterogeneity, and the adoption of problematic categories such as "literary fiction" and "popular fiction." It is argued that these studies would be enriched by the collaboration of literary scholars, who can contribute analyses of narrative structure, linguistic complexity, and textual reception. The importance of considering real readers in diverse social contexts is also emphasized, in order to understand reading as a historically situated practice. Finally, the article proposes directions for more robust interdisciplinary research, attentive to the specificities of literary texts and to the complexity of the reading experience.

Keywords: literature; cognition; neuroscience; literary theory; cultural history.

Recebido em: 13/04/25 // Aceito em: 14/10/26

A literatura tem sido objeto de estudo não apenas da teoria literária, mas também da psicologia, da neurociência e da medicina. Este artigo apresenta uma revisão crítica, de caráter não exaustivo, de pesquisas empíricas sobre os efeitos fisiológicos, emocionais, cognitivos e comportamentais da leitura, com especial atenção à leitura de textos literários. A seleção dos estudos discutidos foi orientada por alguns critérios gerais. Consideramos apenas trabalhos recentes, publicados no século XXI, e buscamos representar a diversidade do campo quanto às perguntas de pesquisa, aos métodos empregados, aos materiais textuais utilizados nos experimentos e aos resultados obtidos. Procuramos contemplar estudos que se valeram tanto de medidas fisiológicas quanto de testes psicológicos. Por fim, privilegiamos estudos que apresentassem resultados e problemas distintos, evitando a repetição de trabalhos que, embora relevantes, conduzissem a conclusões semelhantes. A seleção teve, portanto, o objetivo de oferecer um panorama da variedade de questões, métodos e resultados presentes nesse campo de investigação, e não de realizar um levantamento exaustivo da produção existente.

A análise procura evidenciar tanto os avanços quanto as lacunas metodológicas e conceituais ainda presentes nesse campo. Argumentamos que, embora estudos recentes tenham demonstrado efeitos fisiológicos, emocionais e cognitivos associados à leitura de obras de ficção, muitos deles negligenciam aspectos fundamentais do objeto literário – o texto, a materialidade do impresso e o contexto sociocultural dos leitores[1]. Propomos que a participação de especialistas em

1 Além dos estudos sobre os efeitos da leitura em participantes com neurodesenvolvimento típico, foco deste artigo, há um extenso e variado campo de investigações dedicado ao estudo desses mesmos efeitos em leitores neurodivergentes.

teoria literária e em narrativas ficcionais nesses estudos pode contribuir para o avanço das pesquisas e para o fortalecimento das áreas envolvidas[2].

O corpo que lê: neurociência e fisiologia da leitura

Nas últimas décadas, diferentes campos do conhecimento – como a neurociência, a psicologia cognitiva e a medicina – têm se dedicado a investigar o que acontece no corpo humano quando lemos. Estudos experimentais vêm demonstrando que a leitura mobiliza regiões específicas do cérebro, ativa circuitos motores e sensoriais, desencadeia a liberação de hormônios associados ao bem-estar e influencia estados emocionais. Tais descobertas sugerem que a leitura – e, em particular, a experiência literária – não se restringe ao plano simbólico ou intelectual; ela envolve também o corpo, em sua dimensão neurológica, fisiológica e afetiva.

No início dos anos 2000, o pesquisador Friedemann Pulvermüller investigou como o processamento de palavras se manifesta na atividade cerebral (Pulvermüller, 2001). Por meio de gravações de eletroencefalograma de alta resolução, comparou a atividade cerebral durante a leitura de verbos de ação (como "pular" ou "chutar") com a atividade cerebral durante a execução dessas mesmas ações. Os resultados mostraram que a leitura desses verbos ativava o córtex motor – a mesma região cerebral envolvida na coordenação dos movimentos corporais –,

2 O foco deste artigo são estudos centrados na leitura de textos; não consideramos narrativas audiovisuais, narrativas digitais e livros *pop-up*, embora haja diversos estudos sobre essas mídias e suportes. Nosso objetivo não foi revisar as diferentes tradições teóricas dedicadas à recepção literária, como a estética da recepção, mas discutir pesquisas empíricas recentes sobre os efeitos da leitura. Na parte final do artigo, mobilizamos contribuições provenientes de diferentes vertentes dos estudos literários e da história da leitura como contraponto teórico e metodológico aos estudos empíricos examinados.

revelando que, em termos de ativação neural, ler e agir podem envolver circuitos similares.

Estudos posteriores confirmaram esse efeito multissensorial da linguagem. González e colaboradores (2006), por exemplo, demonstraram que o processamento de palavras associadas a odores ativa não apenas áreas relacionadas à linguagem, mas também regiões cerebrais envolvidas no processamento olfativo. De modo semelhante, Lacey (2012) mostrou que o córtex somatossensorial textura-seletivo é ativado durante a leitura de metáforas táteis – como "o cantor tinha uma voz de veludo" –, mas não quando se leem sentenças literais equivalentes, como "o cantor tinha uma voz agradável".

Também utilizando métodos de neuroimagem, Stanislas Dehaene (2007) produziu uma extensa investigação sobre como o cérebro humano processa a leitura. Segundo ele, a aprendizagem e o uso contínuo da leitura reconfiguraram, ao longo do tempo, circuitos cerebrais originalmente destinados a outras funções perceptivas e linguísticas. Dehaene argumenta que a leitura não é uma causa evolutiva do cérebro humano, mas uma consequência de sua plasticidade: uma reorganização de estruturas cognitivas preexistentes que passaram a integrar novas redes neurais entre visão e linguagem falada. A leitura, assim, teria funcionado como uma alavanca para o fortalecimento de outras habilidades mentais, como a Teoria da Mente[3].

Ampliando essa perspectiva, Raymond Mar (2004) analisou processos de compreensão e produção de narrativas com base em estudos de neuroimagem e casos de pacientes com lesão cerebral. Seus achados apontam para a existência

3 "Teoria da Mente" (em inglês *Theory of Mind* ou ToM) é a habilidade de cognição social responsável por reconhecer as crenças e os desejos de outras pessoas, atribuir-lhes sentido e entender que eles podem ser distintos de seus próprios sentimentos e convicções. Em indivíduos que apresentam neurodesenvolvimento típico, a Teoria da Mente surge durante a primeira infância, manifestando-se por volta dos quatro anos de idade.

de áreas cerebrais dedicadas ao processamento de narrativas, como a junção temporoparietal (responsável pela atribuição de estados mentais e relacionada à Teoria da Mente) e o córtex cingulado posterior (associado à recuperação de memórias de experiências pessoais como forma de apoio aos processos de compreensão e produção de narrativas). Raymond Mar também observou que contar e compreender histórias é algo que ativa as mesmas regiões cerebrais, indicando um mecanismo comum entre produção e recepção narrativa.

Speer e sua equipe (2009) investigaram esses efeitos em detalhes, em um experimento em que 28 jovens leram, durante escaneamento cerebral, quatro trechos do livro *One Boy's Day; a Specimen Record of Behavior* (1951), de Barker e Wright, que descreviam atividades cotidianas de um menino de sete anos. Os resultados mostraram que, ao lerem cenas como "tomar café da manhã" ou "brincar com os amigos", os leitores ativavam, de forma dinâmica, áreas cerebrais correspondentes às atividades descritas, reforçando os achados de Pulvermüller (2001) e Mar e Oatley (2008).

Ainda mais relevantes para a compreensão do que acontece no cérebro quando entramos em contato com uma história foram os resultados obtidos por Greg Stephens e sua equipe (2010), que analisaram o pareamento neural entre narrador e ouvinte. Ao registrar por ressonância magnética funcional a atividade cerebral de uma pessoa contando uma história e, depois, a de ouvintes escutando essa mesma gravação, os pesquisadores observaram que as mesmas áreas cerebrais eram ativadas em ambos, na mesma sequência, com um pequeno atraso temporal. Esse pareamento neural sugere que a escuta ou a leitura de narrativas favorece uma sincronização entre mentes.

Em outro experimento, Natalie Phillips (2015) orientou participantes a ler um capítulo do romance *Mansfield Park* (1814), de Jane Austen, enquanto passavam por exame de ressonância magnética. O texto era apresentado em duas cores: uma indicava leitura livre, a outra exigia atenção especial à forma e ao estilo literários, a fim de escrever um ensaio posteriormente. Os resultados mostraram que níveis diferentes de atenção geravam ativações distintas no cérebro, indicando que o propósito da leitura altera o modo como ela é processada.

Além das ativações neurais, a leitura pode provocar alterações fisiológicas mensuráveis. Brockington e colaboradores (2021) realizaram um estudo com crianças hospitalizadas em UTI, para as quais foram lidas narrativas infantis por contadores de histórias. Após 30 minutos de leitura, observou-se aumento nos níveis de ocitocina (hormônio relacionado ao vínculo afetivo e ao bem-estar) e redução nos níveis de cortisol (associado ao estresse). As crianças também relataram menos dor e demonstraram atitudes mais positivas ao falar de sua internação, utilizando vocabulário mais afetivo e confiante.

Esses estudos indicam que a leitura de narrativas afeta o funcionamento cerebral, a regulação hormonal e o estado emocional de leitores e ouvintes. Longe de ser apenas uma atividade mental abstrata, ler é uma experiência corporificada – uma prática que envolve, literalmente, o corpo que lê.

Leitura, cognição social e comportamento

Para além de efeitos sobre o corpo e as emoções, o contato com narrativas pode alterar comportamentos e ter consequências no mundo social. Nas últimas décadas, diversos estudos em

psicologia experimental buscaram verificar se a leitura de obras de ficção está relacionada ao desenvolvimento da empatia, da Teoria da Mente, da generosidade, do comportamento pró-social, do respeito à diferença e até mesmo da perseverança.

Um dos primeiros pesquisadores a explorar essa questão foi Raymond Mar (2006), que avaliou com sua equipe se o contato com obras de ficção e de não ficção afetaria a empatia e as habilidades sociais. Os participantes responderam ao "Teste de reconhecimento de autor" (*Author Recognition Test* – ART)[4], uma lista que combina nomes reais e fictícios de autores de ficção e não ficção, para identificar o perfil de leitura dos participantes. A partir da realização de testes de avaliação psicológica, os pesquisadores concluíram que o contato com a ficção estava positivamente correlacionado com empatia e habilidades sociais, o que não foi observado entre os leitores de não ficção. Em trabalho posterior, Raymond Mar (2018) revisou um conjunto amplo de estudos sobre o papel das narrativas na promoção da cognição social e defendeu que a ficção funciona como uma simulação mental de interações sociais, fortalecendo a Teoria da Mente. A pesquisa observou também que formas narrativas em diferentes mídias – literatura, cinema e videogames – impactam essas habilidades de maneiras distintas e reforçou a necessidade de mais estudos longitudinais para esclarecer a relação causal entre a exposição à ficção e o desenvolvimento da cognição social.

Essa relação causal foi o foco de um estudo meta-analítico conduzido por Dodell-Feder e Tamir (2018), que sintetizou os resultados de 14 estudos experimentais. Eles observaram um

4 O *Author Recognition Test* (ART) foi criado pelos pesquisadores Keith Stanovich e Richard West em 1989 para medir o nível de exposição à leitura de uma pessoa ao longo da vida. Ele é constituído por uma lista com dezenas de nomes que mistura escritores reais com nomes inventados, cabendo ao participante assinalar apenas aqueles que reconhece como autores.

efeito estatisticamente significativo, ainda que modesto, da leitura de ficção sobre o desempenho em tarefas sociocognitivas. Um achado importante do estudo foi que a maioria das pesquisas analisadas utilizava apenas fragmentos de textos narrativos, e que o único experimento em que os participantes leram uma obra completa apresentou resultados mais robustos, sugerindo que experiências de leitura mais longas e imersivas produzem efeitos mais consistentes.

A importância do envolvimento emocional do leitor com a narrativa foi o foco do estudo de Bal e Veltkamp (2013), que investigaram a relação entre leitura e empatia a partir do conceito de *transporte narrativo*, um estado de imersão cognitiva e emocional do leitor na história. Em dois experimentos, compararam grupos que leram trechos de obras ficcionais (parte de um conto de Sherlock Holmes – "The adventure of the six Napoleons" (1905) – e um capítulo do romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago) com grupos que leram notícias jornalísticas. Os resultados mostraram que o aumento nos níveis de empatia estava associado à intensidade do transporte narrativo. Entre os leitores de textos não ficcionais, essa associação não foi observada, o que levou os autores a concluir que o transporte narrativo é um componente central para o desenvolvimento empático associado à leitura de narrativas ficcionais.

Outros estudos procuraram verificar se o engajamento empático com a leitura se traduziria em ações concretas. Koopman (2015) analisou a disposição de leitores para doar dinheiro a instituições especializadas em luto e depressão após terem lido escritos sobre esses temas. O *corpus* incluía textos expositivos, narrativas de vida e narrativas literárias. Os resultados indicaram

que a identificação com personagens das histórias influenciou a disposição empática dos participantes, especialmente entre aqueles que já tinham vivido experiências semelhantes aos temas abordados. As maiores taxas de doação foram observadas entre os leitores que se identificaram com um personagem e que tinham experiência pessoal com luto ou depressão.

O estudo de Vezzali e colaboradores (2015) investigou, por sua vez, o efeito da leitura dos romances de Harry Potter sobre as atitudes de crianças, adolescentes e universitários em relação a grupos estigmatizados, como imigrantes, refugiados e pessoas LGBT. Os participantes foram avaliados quanto à identificação com os personagens Harry e Voldemort. Os resultados indicaram que os leitores que mais se identificaram com Harry, entre crianças e adolescentes, ou que menos se identificaram com Voldemort, entre os universitários, demonstraram maior empatia e atitudes mais positivas em relação aos grupos marginalizados. Segundo os autores, o principal efeito da leitura foi favorecer um dos aspectos da empatia, a tomada de perspectiva, que consiste na capacidade de compreender pensamentos e emoções alheias, assumindo a perspectiva do outro. Os paralelos entre o mundo de hierarquias rígidas da fantasia (em que os "trouxas", pessoas sem poderes mágicos, sofrem discriminação) e as injustiças da vida real, associados à identificação com personagens, favoreceram o reconhecimento da exclusão e a rejeição da discriminação.

A leitura também foi investigada sob a ótica da formação de valores e da mudança de crenças e atitudes (*mindset*). O trabalho de Du e colegas (2021) analisou o impacto da leitura de histórias de superação e de conquista sobre alunos do ensino médio, graduandos e pós-graduandos, a fim de verificar se haveria narrativas capazes de produzir alterações na mentalidade

de graduandos com baixa perseverança. Em um primeiro estudo, os participantes leram histórias criadas pelos próprios pesquisadores, que seguiam estruturas pré-definidas, sobre cinco personalidades acadêmicas conhecidas, apresentadas em duas versões distintas: em uma, os personagens alcançavam sucesso por meio do trabalho árduo; em outra, devido ao talento nato. Em ambos os casos, antes e depois da leitura, os pesquisadores aplicaram um teste de crenças sobre inteligência. Os resultados mostraram que, entre graduandos e pós-graduandos, as histórias de superação favoreceram uma mudança positiva de mentalidade. No entanto, entre adolescentes, não houve diferença entre os resultados de *mindset* entre os que leram histórias de superação e os que leram histórias de conquista. O segundo estudo revelou que a quantidade de textos lidos afeta o resultado, pois o *mindset* de graduandos apresentou melhora mais expressiva após a leitura das cinco histórias de superação, em comparação com os que leram apenas duas histórias desse tipo.

Os efeitos positivos do contato com textos ficcionais sugeridos por pesquisas como essas estão na base de propostas como a biblioterapia. Carney e Robertson (2022) realizaram cinco experimentos para avaliar os efeitos terapêuticos do contato com obras de ficção. Três desses experimentos envolviam leitura – rememoração de narrativa lida, leitura prescrita e leitura escolhida – e dois envolviam análise de linguagem usada em fóruns de discussão no Reddit e em *tweets* sobre livros premiados ou *best-sellers*. Os efeitos positivos sobre o bem-estar foram mais claros nos contextos de rememoração e de discussão da leitura do que na leitura isolada. Segundo os autores, a ficção só exerce efeito terapêutico quando é mediada por reflexão e diálogo, e não como um "remédio cultural" que age por simples contato.

Para que seus benefícios se concretizem, seria necessário criar uma infraestrutura que encoraje a avaliação crítica e social das experiências de leitura.

Além do tipo de relação do leitor com a obra, a complexidade das narrativas também tem sido examinada. Castano e colegas (2023) avaliaram os textos a partir de sua complexidade lexical (definida por eles como a quantidade de variação lexical) e sua complexidade sintática (entendida como a profundidade e extensão das estruturas sintáticas). A partir disso, sugeriram que os melhores resultados em testes de Teoria da Mente podem ser explicados, em parte, pela complexidade vocabular e sintática dos textos. Em revisão mais recente (Castano, 2024), o autor argumenta que textos mais concretos e menos emotivos forçam o leitor a inferir os estados mentais das personagens, o que favorece o desenvolvimento da Teoria da Mente. Essa linguagem, presente em livros considerados de ficção literária (por oposição a *best-sellers*), seria um aspecto que ajudaria a entender os achados de Kidd e Castano (2013), que demonstraram, em cinco experimentos, que leitores de ficção literária obtinham melhor desempenho em testes de Teoria da Mente do que leitores de ficção comercial, não ficção ou não leitores. Esses resultados, contudo, foram obtidos com base em testes de reconhecimento de autores, e não em leitura efetiva de textos.

Pesquisas mais recentes buscaram ampliar o escopo metodológico desses estudos, investigando a relação entre o comportamento de estudantes do 5º ano ao 9º ano e a leitura de diferentes gêneros literários, definidos pelos autores como literatura clássica, literatura popular, histórias em quadrinhos e não ficção (Lenhart *et al.*, 2023). A inteligência não verbal, a condição socioeconômica e o histórico de migração dos

participantes foram considerados. Os resultados mostraram que apenas a leitura cumulativa de literatura clássica moderna teve impacto positivo no comportamento pró-social (ações que ajudam os outros) e no ajuste social (capacidade de se adaptar e conviver bem com colegas), ainda que de pequeno porte. As leituras de literatura popular, HQs e não ficção não apresentaram efeitos significativos, o que reforça a hipótese de que a qualidade e a complexidade da leitura são mais determinantes do que a quantidade.

Por fim, uma meta-análise abrangente conduzida por Wimmer e colaboradores (2024) analisou 70 estudos experimentais com grupo controle e 114 estudos correlacionais (ou seja, que utilizaram instrumentos como o Teste de Reconhecimento de Autor e medidas de avaliação da cognição). Os resultados mostraram que a leitura de ficção gera benefícios cognitivos pequenos, mas estatisticamente significativos. Os estudos experimentais apresentaram maiores efeitos na empatia e na Teoria da Mente, enquanto os correlacionais apresentaram associações mais significativas com as habilidades verbais, as capacidades cognitivas de forma geral, a empatia, a Teoria da Mente e os julgamentos de grupos externos. Os autores destacam, contudo, que a maioria dos estudos analisados não considerou os aspectos composicionais dos textos (como literariedade e narratividade) e utilizou apenas fragmentos curtos, o que limita a validade das conclusões. Por isso, recomendam que pesquisas futuras explorem leituras mais imersivas e atentem aos elementos textuais como variáveis relevantes.

Texto, leitor e materialidade nos estudos empíricos sobre literatura

A revisão das pesquisas comentadas mostra que diversos pesquisadores que atuam em áreas fora das Letras têm recorrido à literatura como meio para compreender aspectos fisiológicos e psicoemocionais dos indivíduos, sem necessariamente considerar as particularidades dos textos literários. Com mais frequência ainda, essas pesquisas ignoram a condição socioeconômica e cultural dos leitores e desconsideram a materialidade do suporte dos textos ao estudar os efeitos do contato com a literatura.

Há tempos, pesquisadores da história cultural, da história do livro e da leitura vêm destacando que o sentido não está contido no texto, mas se constrói na relação entre um objeto material, um texto e um leitor. Para Chartier, não há texto fora de sua forma de inscrição: o suporte, a diagramação, a presença (ou ausência) de ilustrações, as notas de rodapé, a capa e outros elementos editoriais afetam a forma como o leitor constrói o sentido (Chartier, 1985, 1996).

Essa perspectiva dialoga com a noção de *paratexto* desenvolvida por Gérard Genette (2009), segundo a qual elementos como prefácios, epígrafes, notas explicativas assim como o projeto gráfico da obra atuam na constituição do sentido, influenciando expectativas de leitura e orientando interpretações possíveis. O texto é ampliado por esses elementos, que orientam as expectativas do leitor, moldam sua atitude diante da obra e influenciam diretamente a construção de sentido. Assim, uma mesma narrativa pode provocar experiências leitoras distintas conforme seja apresentada em uma edição crítica com aparato

erudito, em um livro ilustrado voltado ao público infantojuvenil ou em uma versão digital interativa.

Outro elemento central para os estudos da história cultural é a recusa da noção abstrata e universal de leitor. Em contraposição à ideia de "leitor ideal" ou "modelo", Roger Chartier (1985, 1996), Robert Darnton (2001), Ginzburg (2006), entre outros, afirmam que o leitor é um sujeito historicamente situado e corporificado. O sentido de uma obra literária não se realiza apenas no texto nem exclusivamente na mente do leitor, mas na interação entre o texto, sua materialidade e as condições concretas de leitura. Essas condições incluem não apenas o suporte físico da obra e seus elementos paratextuais, mas também aspectos ligados à formação cultural, ao repertório de leituras anteriores, à idade, ao gênero, à posição social, ao contexto ideológico do leitor etc. Não há leitura fora de um corpo, fora de uma posição social e de um tempo histórico. O gesto de ler, os modos de apropriação do texto, as estratégias de interpretação e as reações afetivas variam conforme as experiências e condições de cada leitor. Assim, a leitura é sempre uma prática encarnada, marcada por múltiplas mediações e pelas singularidades de quem lê.

A constatação de que a leitura é moldada pelo contexto histórico-cultural de sua realização repercute entre teóricos e críticos da literatura há décadas. Stanley Fish (1980), ao propor a noção de *comunidades interpretativas*, argumenta que o sentido de um texto não está dado *a priori*, mas é construído coletivamente por leitores que compartilham repertórios e convenções. Umberto Eco (1986), por sua vez, também reconhece a abertura interpretativa dos textos, mas propõe que essa abertura encontra limites na estrutura e coerência interna da obra. Embora as leituras variem conforme o leitor e o contexto cultural, elas

ainda estão ancoradas na materialidade e organização do texto literário, que propõe resistências, tensões e sentidos potenciais.

Essas discussões, bastante comuns na área dos Estudos Literários, parecem estar ausentes ou marginalmente presentes nas pesquisas sobre aspectos fisiológicos, cognitivos e emocionais da leitura.

Como vimos, praticamente não se considera o suporte material em que os textos são dados a ler. Alguns dos estudos comentados recorrem a projeções digitais em equipamentos de ressonância magnética, muitos valem-se de fragmentos curtos de obras ou textos criados pelos próprios pesquisadores, oferecendo ao leitor uma experiência muito distinta das práticas mais comuns de leitura. O modo como o texto é apresentado pode alterar profundamente a experiência e os efeitos observados.

Há, contudo, exceções a essa observação, como demonstra a revisão elaborada por Spence (2020) acerca de incipientes pesquisas dedicadas a explorar as relações entre os sentidos humanos e a experiência de leitura. Ao tentar justificar a sobrevivência dos livros impressos em relação aos digitais nas últimas duas décadas, essas pesquisas destacam a diferença entre os dois suportes no que diz respeito ao desencadeamento de respostas multissensoriais do leitor. Enquanto o livro digital limita-se apenas à visão, o livro de papel envolve os outros sentidos do leitor, permitindo-lhe sentir seu aroma, ouvir o som das páginas ao serem manuseadas, perceber a textura do papel e, eventualmente, experimentar seu sabor ao levar o dedo à boca durante a leitura. Segundo Spence, essas experiências podem suscitar um apelo emocional do suporte sobre o leitor, o que explicaria a suposta falha do livro digital. Outras características materiais associadas ao livro impresso, como o peso do volume,

a escolha tipográfica, o projeto gráfico e a capa, também influenciariam essa relação emocional, bem como processos de compreensão e memorização.

Muitos dos estudos experimentais aqui apresentados, embora valiosos, tendem a não problematizar suficientemente quem são os leitores, em que condições leem e como suas experiências influenciam a constituição do sentido. Embora os estudos psicológicos revelem correlações significativas entre leitura de ficção e habilidades sociocognitivas, em geral partem de uma concepção abstrata de leitor, pouco atenta às condições sociais, históricas e afetivas que moldam a experiência da leitura. Exemplo eloquente disso é a ampla utilização nos estudos empíricos sobre leitura e cognição social do *Author Recognition Test*. A capacidade de identificar nomes de autores em uma lista não informa se os participantes de fato leram obras desses escritores, tampouco revela o tipo de envolvimento que tiveram com os textos, sua profundidade de leitura, suas condições materiais e afetivas de recepção ou o modo como interpretaram o que leram. É possível, inclusive, que pessoas reconheçam nomes de autores – por formação escolar, exposição midiática ou contato social – sem jamais terem lido suas obras. A partir da utilização dessa ferramenta, constrói-se uma oposição simplificada entre "leitores de ficção", "leitores de não ficção" e "não leitores", que revela uma concepção reduzida e abstrata de leitor, descolada das práticas reais de leitura. Esse apagamento do leitor como sujeito concreto compromete, em parte, a validade interpretativa dos resultados obtidos.

Outra limitação presente em alguns estudos diz respeito à distinção entre obras de "ficção literária" e "ficção popular" – distinção tomada como critério para avaliar os efeitos cognitivos

da leitura. Essa distinção, embora útil em termos classificatórios, torna-se problemática quando desconsidera o papel da recepção e a heterogeneidade dos leitores. As conclusões de Castano e colaboradores em seus estudos sobre os supostos efeitos superiores da leitura de obras literárias mais complexas, em comparação com textos populares ou *best-sellers*, podem não se sustentar diante de outros públicos que não aquele envolvido em seus estudos – jovens europeus de perfil sociocultural relativamente homogêneo. Textos de ficção literária, por sua densidade sintática, vocabulário sofisticado e referências culturais específicas, podem representar barreiras de acesso e compreensão para leitores com menor escolaridade ou em condições socioeconômicas desfavoráveis. Para esse público, textos considerados "populares", muitas vezes mais acessíveis em linguagem e repertório, podem promover um engajamento mais intenso, maior transporte narrativo e, possivelmente, efeitos cognitivos e afetivos mais relevantes. A eficácia de uma obra, portanto, não reside exclusivamente em suas características formais, mas também na relação que estabelece com seus leitores concretos, em contextos específicos de recepção.

Além das limitações do ponto de vista da recepção, a própria noção de "literariedade" utilizada em alguns desses estudos pode ser problematizada. Ao tratar obras literárias como aquelas que apresentam maior complexidade sintática, vocabulário mais concreto e menor carga emocional explícita, desconsidera-se que as concepções de "literatura" e de "texto literário" variam histórica, cultural e contextualmente. Teóricos da Literatura sabem que a literariedade não é uma propriedade intrínseca ao texto, mas uma construção cultural, atribuída a determinadas obras em certos contextos e por determinadas

instituições (escolas, editoras, crítica literária, mídia). O risco ao adotar categorias rígidas como "ficção literária" em oposição a "ficção popular" é reproduzir hierarquias estéticas que não necessariamente se sustentam quando examinadas historicamente ou quando analisadas a partir dos efeitos da leitura ou da experiência do leitor. Diferentes estilos e gêneros de narrativa podem mobilizar formas distintas (e igualmente válidas) de envolvimento, compreensão e reflexão. Críticas semelhantes são apresentadas por Fialho (2019) e por Rezende e Shigaeff (2023), sugerindo que futuros estudos empíricos envolvendo literatura devem dedicar mais atenção a esses aspectos e ter mais clareza sobre os conceitos de "narratividade", "literariedade" e "ficcionalidade", que muitas vezes parecem ter sido confundidos por pesquisadores sem o devido fundamento em teoria literária.

As críticas aqui formuladas também encontram ressonância e encaminhamento propositivo no trabalho de Marisa Bortolussi e Peter Dixon, *Foundations for the Empirical Study of Literary Response* (2003). A partir de uma leitura crítica tanto da teoria literária quanto da psicologia cognitiva, os autores propõem o campo da psiconarratologia, cuja base é o estudo empírico e interdisciplinar da recepção literária real. Em vez de se apoiar em leitores implícitos ou categorias abstratas, essa abordagem parte da observação de leitores concretos, inseridos em contextos específicos, interagindo com textos reais em situações reais de leitura. Os autores reconhecem que os efeitos cognitivos e afetivos da leitura literária não podem ser compreendidos isoladamente com base apenas nas propriedades formais do texto ou nas habilidades cognitivas dos leitores, mas devem ser analisados a partir da relação dinâmica entre texto, leitor, contexto e propósito da leitura. Ao mesmo tempo em que assume o rigor metodológico

das ciências cognitivas, essa proposta incorpora noções centrais da teoria literária, como foco narrativo, complexidade textual e estrutura discursiva, reconhecendo que tais elementos afetam o processamento do texto. A obra de Bortolussi e Dixon propõe uma via promissora para uma compreensão mais robusta e interdisciplinar da leitura literária.

Conclusão

Este artigo revisitou trabalhos interdisciplinares sobre literatura e cognição, explorando evidências sobre os efeitos fisiológicos e emocionais da leitura e discutindo suas implicações para o campo dos Estudos Literários. A revisão mostrou que, apesar dos avanços significativos no entendimento de como a literatura impacta a cognição e a emoção, muitas pesquisas negligenciam aspectos fundamentais como a materialidade do impresso, o perfil dos leitores e a complexidade narrativa e linguística das obras analisadas. Embora a literatura ofereça valiosas oportunidades para investigar a mente humana, é igualmente relevante considerá-la em sua dimensão estética e cultural, que dá forma à experiência de leitura.

Diante dessas limitações, ressaltamos a importância de uma abordagem mais integrada, em que especialistas em teoria literária trabalhem em conjunto com neurocientistas, psicólogos e outros pesquisadores da cognição para aprimorar métodos e análises. Elementos de composição textual – como arco narrativo, ponto de vista do narrador ou variação sintática e lexical nos diálogos, para citar apenas alguns exemplos – poderiam ser incorporados aos estudos experimentais, para que os achados contribuam, de fato, para a compreensão da complexidade da experiência de

leitura. Também seria necessário ampliar o escopo empírico das pesquisas, incluindo leitores em diferentes contextos sociais, culturais e educacionais. A predominância de estudos com públicos relativamente homogêneos, majoritariamente universitários de países desenvolvidos, limita a generalização dos resultados e obscurece as múltiplas formas de relação com a literatura.

Se já sabemos que a leitura literária pode produzir efeitos fisiológicos e psicoemocionais mensuráveis, é plausível supor que a compreensão de tais efeitos poderia se aprofundar, diversificar ou transformar-se, à medida que mais variáveis textuais, materiais e contextuais forem consideradas nos experimentos. O volume e a qualidade dos resultados vêm crescendo rapidamente, mas ainda há espaço para uma colaboração mais intensa. O saber especializado da teoria literária, com a consequente atenção às especificidades do texto literário, pode contribuir para a consolidação desse campo interdisciplinar abrindo novas perspectivas para a compreensão da literatura em sua pluralidade.

Esperamos que este artigo contribua para estimular novos diálogos interdisciplinares e encoraje pesquisas que considerem a literatura em sua complexidade. A colaboração entre estudiosos da literatura e pesquisadores das ciências cognitivas pode não apenas aprimorar a compreensão dos efeitos da leitura, mas também reforçar a relevância social da literatura no mundo contemporâneo.

Referências

BAL, P. M.; VELTKAMP, M. How Does Fiction Reading Influence Empathy? An Experimental Investigation on the Role of Emotional Transportation. *PLOS ONE*, v. 8, n. 1, p. e55341, 30 Jan. 2013.

BORTOLUSSI, M.; DIXON, P. *Psychonarratology*: Foundations for the Empirical Study of Literary Response. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BROCKINGTON, G. *et al*. Storytelling Increases Oxytocin and Positive Emotions and Decreases Cortisol and Pain in Hospitalized Children. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, v. 118, n. 22, p. e2018409118, 1 Jun. 2021.

CARNEY, J.; ROBERTSON, C. Five Studies Evaluating the Impact on Mental Health and Mood of Recalling, Reading, and Discussing Fiction. *PLOS ONE,* v. 17, n. 4, p. e0266323, 2022.

CASTANO, E. *et al*. On the Complexity of Literary and Popular Fiction. *Empirical Studies of the Arts*, p. 027623742311634, 4 Apr. 2023.

CASTANO, E. Less Is More: How the Language of Fiction Fosters Emotion Recognition. *Emotion Review*, v. 16, n. 2, p. 73-83, 14 Feb. 2024.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DARNTON, R. História da Leitura. *In*: BURKE, P. (org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.

DEHAENE, S. *Les neurones de la lecture*: La nouvelle science de la lecture et de son apprentissage. Paris: Odile Jacob, 2007.

DODELL-FEDER, David; TAMIR, Diana I. Fiction Reading Has a Small Positive Impact on Social Cognition: a Meta-analysis. *Journal of Experimental Psychology*: General, v. 147, n. 11, p. 1713, 2018.

DU, X. *et al*. Reading Struggle Stories of Role Models Can Improve Students' Growth Mindsets. *Frontiers in Psychology*, v. 12, 28 Oct. 2021.

ECO, Umberto. *Lector in fabula*: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo, SP: Perspectiva, 1986.

FIALHO, O. What is Literature for? The Role of Transformative Reading. *Cogent Arts & Humanities*, v. 6, n. 1, p. 1692532, 1 Jan. 2019.

FISH, Stanley Eugene. *Is There a Text in This Class?* The Authority of Interpretive Communities. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1980.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GONZÁLEZ, J. *et al*. Reading Cinnamon Activates Olfactory Brain Regions. *NeuroImage*, v. 32, n. 2, p. 906-912, 15 Aug. 2006.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HAKEMULDER, J. Tracing Foregrounding in Responses to Film. *Language and Literature*, v. 16, n. 2, p. 125-139, 1 May 2007.

HAKEMULDER, F.; VAN PEER, W. Foregrounding. *In:* BROWN, K. (ed.). *The Pergamon Encyclopaedia of Language and Linguistics,* Volume 4. Oxford: Elsevier, 2006. p. 546-551.

KIDD, D. C.; CASTANO, E. Reading Literary Fiction Improves Theory of Mind. *Science*, v. 342, n. 6156, p. 377-380, 2013.

KOOPMAN, E. M. (EMY). Empathic Reactions after Reading: The Role of Genre, Personal Factors and Affective Responses. *Poetics*, v. 50, p. 62-79, 1 Jun. 2015.

LACEY, S.; STILLA, R.; SATHIAN, K. Metaphorically Feeling: Comprehending Textural Metaphors Activates Somatosensory Cortex. *Brain and Language*, v. 120, n. 3, p. 416-421, 2012.

LENHART, J. *et al*. Adolescent Leisure Reading and Its Longitudinal Association with Prosocial Behavior and Social Adjustment. *Scientific Reports*, v. 13, n. 1, p. 9695, 15 Jun. 2023.

MAR, R. A. The Neuropsychology of Narrative: Story Comprehension, Story Production and Their Interrelation. *Neuropsychologia*, v. 42, n. 10, p. 1414-1434, 1 Jan. 2004.

MAR, R. A. *et al*. Bookworms *Versus* Nerds: Exposure to Fiction *Versus* Non-fiction, Divergent Associations with Social Ability, and the Simulation of Fictional Social Worlds. *Journal of Research in Personality*, v. 40, n. 5, p. 694-712, 1 Oct. 2006.

MAR, R. A.; OATLEY, K. The Function of Fiction is the Abstraction and Simulation of Social Experience. *Perspectives on Psychological Science*, v. 3, n. 3, p. 173-192, 1 May 2008.

MAR, R. A. Stories and the Promotion of Social Cognition. *Current Directions in Psychological Science*, v. 27, n. 4, p. 257-262, 2018.

OATLEY, K. The Cognitive Science of Fiction. *Wiley Interdisciplinary Reviews. Cognitive Science,* v. 3, n. 4, p. 425-430, Jul. 2012.

OATLEY, K. Fiction: Simulation of Social Worlds. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 20, n. 8, p. 618-628, Aug. 2016.

PHILLIPS, N. M. Literary Neuroscience and History of Mind: an Interdisciplinary fMRI Study of Attention and Jane Austen.

In: ZUNSHINE, L. (ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Literary Studies.* Oxford: Oxford University Press, 2015.

PULVERMÜLLER, F. Brain Reflections of Words and Their Meaning. *Trends in Cognitive Sciences,* v. 5, n. 12, p. 517-524, 2001.

REZENDE, Júlia Ferreira; SHIGAEFF, Nadia. The Effects of Reading and Watching Fiction on the Development of Social Cognition: a Systematic Review. *Dementia & Neuropsychologia*, v. 17, p. e20230066, 2023.

SCAPIN, G. *et al*. The Role of Processing Foregrounding in Empathic Reactions in Literary Reading. *Discourse Processes,* v. 60, n. 4-5, p. 273-293, 28 May 2023.

SPEER, N. K. *et al*. Reading Stories Activates Neural Representations of Visual and Motor Experiences. *Psychological Science*, v. 20, n. 8, p. 989-999, Aug. 2009.

SPENCE, C. The Multisensory Experience of Handling and Reading Books. *Multisensory Research*, v. 33, n. 8, p. 902-928, 15 Sept. 2020.

STEPHENS, G. J.; SILBERT, L. J.; HASSON, U. Speaker-listener Neural Coupling Underlies Successful Communication. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America,* v. 107, n. 32, p. 14425-14430, 10 Aug. 2010.

VEZZALI, L. *et al*. The Greatest Magic of Harry Potter: Reducing Prejudice. *Journal of Applied Social Psychology*, v. 45, n. 2, p. 105-121, 2015.

WIMMER, L. *et al*. Cognitive Effects and Correlates of Reading Fiction: Two Preregistered Multilevel Meta-analyses. *Journal of Experimental Psychology*: General, v. 153, n. 6, p. 1464-1488, Jun. 2024.